



PRÓ-REITORIA DE ENSINO MÉDIO, TÉCNICO E EDUCAÇÃO A
DISTÂNCIA
LICENCIATURA EM LETRAS/PORTUGUÊS

**NARRATIVAS QUE SE ES(INS)CREVEM... SÓ QUE EM VEZ DO
LÁPIS, A REGLETE:
ALFABETIZAÇÃO DE CEGOS EM CAMPINA GRANDE**

MARIA JOSÉ BEZERRA SOUTO MAIOR

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Campina Grande – PB

2014

MARIA JOSÉ BEZERRA SOUTO MAIOR

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Relatório final de Estágio Supervisionado IV, apresentado ao curso de Letras- EaD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de graduada.

Orientadora: Prof^a Ms. Cléa Gurjão Carneiro.

Campina Grande–PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

M217r Maior, Maria José Bezerra Souto
Relatório final de estágio supervisionado [manuscrito] / Maria José Bezerra Souto Maior. - 2014.
31 p. : il. color.

Digitado.

Relatório de Estágio Supervisionado (Graduação em Letras EAD) - Universidade Estadual da Paraíba, Prô-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.

"Orientação: Cléa Gurjão Carneiro, Secretaria de Educação à Distância".

1. Alfabetização. 2. Deficiente Visuais. 3. Ensino. I. Título.

21. ed. CDD 372.6

MARIA JOSÉ BEZERRA SOUTO MAIOR

RELATÓRIO FINAL DE ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Relatório final de Estágio Supervisionado IV, apresentado ao curso de Letras- EaD, da Universidade Estadual da Paraíba, como pré-requisito para a obtenção do título de graduada.

Trabalho aprovado em 12 / 07 / 2019

Nota: 8,0

Banca examinadora

Cléa Gurjão Carneiro

Profª Ms. Cléa Gurjão Carneiro

Elza Maria Rolim Wanderley Monteiro de Araújo

Profª Esp. Elza Maria Rolim Wanderley Monteiro de Araújo

Maria de Fátima Coutinho Sousa

Profª Ms. Maria de Fátima Coutinho Sousa

AGRADECIMENTOS

A oportunidade desse curso foi possível graças à insistência de Carolina Cavalcanti Bezerra que me convenceu de fazê-lo; A minha família e especialmente ao meu filho Paulinho que altamente insistente exigiu que eu desse o meu melhor;

Agradeço a Deus por essa conquista; Quero deixar registrado a minha gratidão aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba;

O meu sobrinho Matheus Marley, especialmente na disciplina de Inglês;

Aqui merece destaque os nomes de Cléa Gurjão, pela atenção,

disponibilidade e vontade de sucesso desde o início dessa caminhada. Há também a professora e coordenadora Divanira Tavares e Elza que abriram um espaço para que esse trabalho tivesse um trabalho diferenciado, o que o leitor verá logo em breve. O professor Adalberto e Marcelão que nos deram atenção até o final. Houve a colaboração das tutoras Francys Sales, Lis (excelente tutora) e Jusciane Lima;

Á secretaria do curso foi capital: Edjande, pelo seu jeito irreverente de ser, meio “maluco beleza”; ao Bruno, que foi um anjo de pessoa; Geovana que além de ser minha colega de curso faz parte da secretaria;

Recentemente, em uma reunião na UEPB, eu proseava assuntos relativos ao curso e a vida com a professora Fátima Coutinho. Conversávamos do curso, das disciplinas, das dificuldades, da vida que se ia nessa fase final que agora nos toma e nas possibilidades do por vir. Então, narrei-lhe um pouco do trabalho que executo há dez anos com deficientes visuais no Instituto dos Cegos de Campina Grande, ensinando-os a ler o mundo, trilhando-os nos caminhos da junção de pontos que permitem o descobrir do mundo, mesmo sem a visão. Ela se fascinou com o meu relato. Deixou que concluísse. Não me interrompeu um só instante. Ao término da minha fala, sugeriu que meu trabalho de conclusão de curso versasse sobre esse tema. Só por isso deveria agradecê-la.

Mas somo aqui a sua perspicácia, atenção, zelo, ternura com as palavras e os alunos. Ela é e sabe ser uma professora, ponto. Resta a mim, agradecê-la.

Sem a colaboração dessa equipe nota dez, chegar aqui teria sido impossível. Esse grupo tem voz e vez, deixa-nos a oportunidade de ação, de fala, de curiosidade. Muito obrigada.

Você descobrirá que a vida ainda vale a pena
se você apenas

Ilumine sua face com alegria Esconda todo
rastros de tristeza Embora uma lágrima possa
estar tão próxima
Este é o momento que você tem que continuar tentando
Sorria pra que serve o choro?
Você descobrirá que a vida ainda vale a pena
Se você apenas Sorrir

Sorria, embora seu coração esteja doendo
Sorria, mesmo que ele esteja partido
Quando há nuvens no céu Você
sobreviverá Se você apenas sorri

Com seu medo e tristeza
Sorria e talvez amanhã

Você descobrirá que a vida ainda vale a pena
Se você apenas Sorrir

Smile – Michel Jackson

RESUMO

Este artigo analisa e narra algumas questões referentes a docência e ensino da alfabetização em alunos cegos no Instituto dos Cegos, localizado na cidade de Campina Grande, Paraíba. Para isso, recorro a narrativa da minha trajetória pessoal enquanto professora de letramento e alfabetização em braille. Neste percurso a profissional foi alfabetizando alunos entre seis e doze anos de idade. Foi recorrido aos mais recentes para efetivar uma análise, uma vez que estão mais próximos da memória. Acredito que a importância desse artigo, espécie de trabalho de conclusão de curso, é sim falar de uma experiência. Mas, desde as provocações de Walter Benjamin, em seu texto *Experiência e Pobreza*, a experiência vem de uma coletividade, de uma viagem e tem a ver com travessias e deslocamentos. Desse modo esse relato vive, vai além do que se escreveu e alerta para o leitor um mundo ainda pouco visitado na academia, a pesquisa empírica no trato das pessoas cegas ou com baixas visões. Afinal, é um grupo também chegado a letras, ao mundo das palavras e que muitas vezes são construídos nas falas de outrem porque recorrentemente, por muito tempo, não tiveram acesso a fala nem ao mundo ainda restrito das universidades

Palavras-chave: Alfabetização. Deficientes visuais. Ensino.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: Memórias	10
CAPÍTULO II: Fundamentação teórica	14
CAPÍTULO III ...: Descrição das atividades	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS	23
ANEXOS	24

INTRODUÇÃO

O presente relatório almeja discorrer sobre as experiências apreendidas durante as aulas ministradas durante o ano de 2013 no Instituto de Educação e Assistência aos Cegos de Campina Grande, no turno diurno, de fevereiro a dezembro.

Nesse período exerci o papel de professora da alfabetização de alunos com cegueira total ou baixa visão. Isto é, procurei, valendo-me de uma metodologia particular fazê-los aprender a ler no sistema braille tendo em vista a limitação tanto deles quanto minhas.

Esse trabalho foi possível devido a leituras que estabeleci e fui apresentada no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba. As teorias e conhecimentos advindos de disciplinas pagas com as professoras Fátima Coutinho e Cléa Gurjão me ajudaram a perceber outras possibilidades, ferramentas e usos desse ofício.

Neste ano, ao continuar alfabetizando os alunos, percebi que era possível incrementar novamente a minha prática. Foi o que aconteceu quando do contato com a disciplina Estágio Supervisionado

Estágio Supervisionado tem como objetivo proporcionar o entrelaçamento entre teoria e prática ao cotidiano dos educandos, promovendo assim, a vivência no âmbito escolar com destaque para um ensino voltado às questões sociais e, por conseguinte mais eficaz. A disciplina promove que todo o trabalho estudado e realizado em sala possa ser efetivamente transportado para a prática escolar, ajustando-se apenas a realidade da escola e dos alunos. Os embasamentos teóricos que assimilamos no curso de Letras consistem em sua essência, que questionemos nossas aulas de língua portuguesa e nos encarreguemos de mudar e inovar nossa prática docente.

Capítulo I: Memórias ou do que pode uma graduação?

Novidades! Essa é a palavra que melhor define particularmente essa graduação. Para mim, desde o já distante primeiro período até esse, que marca o encerramento dessa trajetória vivi sob o signo e os significados dessa palavra.

Aprendi que não são apenas as disciplinas a funcionar como novidade de conteúdo ou de interpretação do mundo da língua, mas também o interior das cadeiras, os assuntos, os seus capítulos, as suas atividades, os seus enunciados, as suas notas explicativas que nos fazem seguir, deslocarmo-nos e transpormo-nos para um mundo de novidades sem fim e que está sempre se renovando, inquietando-nos e deixando alguma coisa, alguma mudança, nos fazer mudar nossas certezas, deixar de ser nós mesmos e passar a ser um outro estranho, cada vez mais estranho do que um dia fomos. Novidades e mudança, ou melhor, novidades que trazem mudanças e nos transformam em outras pessoas. Eis o que essa graduação significa.

Somos seres humanos carregados de preconceitos e tive um pouco disso antes do curso começar. Parecia estranho estudar Letras, pensava ser só ortografia; apenas regras, postulados, normas. Executava sem me dar conta o eu a própria morfologia da palavra significa pré-conceito. O uso do prefixo grego “pré” já indica para algo raso ou impreciso, algo que ainda não é, e por isso parece estar antes do começo, no caso, do conceito.

O que era Letras para aquela Maria José, próximo aos cinquenta anos, que estava prestes a mais um desafio, e, sobretudo na dúvida ou quase certeza de que não conseguiria? O curso de Letras era um mundo da memorização de regras, do decorar e executar. A reflexão crítica me parecia distante e se distanciava cada vez mais. Mas essa Maria José logo começou a se deteriorar, parecia areia do deserto, se esvaindo com o vento, à medida que as disciplinas ocorriam, à medida que a vida seguia entre as palavras, à medida que percebia que as palavras, conforme lembra Michel Foucault em *As palavras e as coisas*, as palavras viram coisas, palavras e coisas são algo diferente e próxima no sentido de atribuir significados ao mundo, de mostrar que somos cria de palavras, de texto, de discursos. Somos a psicanálise desde Freud mostrou, linguagem.

Outro fator a me impedir de seguir era a questão da distância. Eu e minhas colegas na grande maioria estávamos longe do Ensino. A ausência de um professor, de uma aula presencial criava uma grande barreira. Era preciso aprender sozinho inicialmente. Apesar de que o fórum de notícias, o contato com o professor, o chat demonstravam a capacidade de seguirmos, de avançarmos, de irmos em frente. Era mesmo necessário, era urgente mesmo, aprender a usar as ferramentas digitais. Na realidade, constituiu um desafio para eu lidar com as ferramentas do ciberespaço, links, sites, vídeos, salas de conversa virtual me parecia outro mundo do qual não fazia parte e temia fazer. Honestamente, resisti o quanto pude. Até que veio o fim do primeiro período e as primeiras notas quando percebi a necessidade de aprender a utilizar essas ferramentas virtuais. Com isso, minha vida acadêmica de modificava profundamente.

O computador se tornava a principal ferramenta do curso... e eu não sabia manuseá-lo. Foi terrível! O mouse parecia não funcionar, as teclas fugiam da minha vista, digitar? Nada disso! Fazia as atividades à mão e um dos meus filhos digitava. Acredito que essa dificuldade não foi só minha, mas de muitas outras que em conversas telefônicas, no chat ou em dias de provas relatavam as principais dificuldades com o ciberespaço.

Até meados do curso foi difícil conciliar o tempo de entrega das atividades. Ou seja, havia uma data estipulada de entrega das atividades que procurei seguir a risca. Porém, quase sempre ocorria do sistema no último dia do prazo prorrogar o prazo e os que já haviam feito ficavam entristecidos haja vista que a grande maioria trabalha e precisa abdicar de tempo para estudar e fazer uma boa atividade. Mas na realidade algo que o sistema faltou para com os alunos foi no quesito da entrega das atividades. Ocorreu algumas vezes da atividade chegar, na data estipulada, atrasada e não automaticamente. Ao longo do curso fui para reingresso numa disciplina sem sequer saber que estava porque enviei minha atividade mas não constava no sistema. Hoje imagino que isso se deva a falhas típicas de um ensino à distância que está dando os seus primeiros passos, está ainda se solidificando.

Ocorreu também, já pelo final, de me colocarem numa situação de reingresso, como se houvesse sido reprovada sem que isso tivesse ocorrido na disciplina em questão. Acredito que esse tipo de falta deve ser evitada ao máximo porque procuro

sempre estar atenta aos meus cronogramas atividades. Sim, sou muito preocupada. E foi terrível ver no meu ambiente virtual essa disciplina e ter que pagar essa disciplina novamente. Constava como se não tivesse feito nenhuma prova. E estive presente no dia assinando inclusive a lista de presença.

Acredito que as disciplinas de maior dificuldade foram as de língua inglesa e latina. Eu realmente jamais havia estudado nenhuma delas. A ausência de uma aula presencial me levou a ter que estudar sozinha uma língua que jamais fui apresentada.

O Inglês foi possível graças a ajuda de um sobrinho querido que em muito me ajudou. Quanto a língua latina o meu interesse aumentou numa aula do professor Ricardo. Tanto que reprovei Latim 1 e paguei tranquilamente a disciplina de Latim 2.

No reingresso foi decisivo o professor Marcelão. Era uma manhã de sábado. Na realidade, se tratava de dúvidas da disciplina de Português 4. Ocorre que ele deu a aula da sua disciplina e acabou tocando em temas da disciplina de Teoria Linguística 1 na qual eu me encontrava na reoferta. Apenas essa aula, pasmem, foi por demais úteis para o cumprimento dos créditos dessa disciplina.

Particularmente, talvez devido ao fato de já exercer a licenciatura, as mais decisivas e atrativas disciplinas – avaliando do ponto de vista da minha afinidade pessoal – foram as de prática pedagógica. Apaixonei-me pelas disciplinas de Teoria Linguística, Psicolinguística, Sociolinguística e todas as de Estágio Supervisionado de suma importância para minha vida profissional e finalmente Psicologia da Aprendizagem, que me apaixonei profundamente.

Gostei muito de estagiar nas escolas. Ali não se fazia apenas um dos pré-requisitos do curso, ali se fazia uma arte, a de lecionar e construir conhecimentos. Foi oportuno desde o momento de escolher a escola, tratar os encaminhamentos com a diretora, a professora, o conteúdo que observei ser ministrado e noutro momento a minha eleição dos conteúdos, o contato com os alunos, fosse de ensino fundamental e médio, a escolha da metodologia de abordagens.

Por que essas disciplinas foram importantes, pergunta o leitor? Há muitos anos atrás, uma irmã já falecida, formada em Letras, reprovou a disciplina de Teoria

Linguística, considerada por ela a mais difícil do curso. Então, havia esse medo e receio que me incentivou a desde o início de me dedicar com afinco e zelo.

Acredito que o curso poderia ficar mais interessante se mesclasse algumas aulas presenciais aos sábados com os professores das disciplinas do semestre. Às vezes uma tutora pode não dar conta da realidade dos alunos. Sobretudo há conteúdos difíceis que devem possuir alguém que os ensine uma vez que o conteúdo não é passível de rápida assimilação numa leitura silenciosa e solitária.

O sistema deve ser mais eficiente no sentido das notas do relatório geral do AVA está de acordo com o histórico escolar do aluno. Essa incompatibilidade nos deixa triste porque ficamos demasiado tristes com esses desencontros.

O módulo das disciplinas poderia, sugiro, ser entregue logo no começo do período e não no meio. Isso facilitaria muito mais o nosso trabalho. Mas na realidade talvez fosse oportuno distribuir os módulos ou vender a baixos custos para os alunos uma vez que é muito complicado ler no computador.

Por fim, gostaria de reafirmar a importância dessa iniciativa proposta pela Universidade Estadual da Paraíba, a organização de um curso à distância. Trata-se realmente de uma boa iniciativa tendo em vista que a maioria dos alunos são donas de casa e simultaneamente trabalham fora ficando difícil conciliar o estudo com afazeres domésticos e obrigações no ambiente de trabalho.

Este curso é a prova de que o estudo é possível chegar aos mais difíceis lugares, vencendo empecilhos sejam geográficos ou de horário e até mesmo familiar. A modalidade à distância vem trazer vida, uma nova vida, para ser mais exato, foi trilhada aqui na possibilidade de entendimento do mundo das palavras e, por conseguinte, de nós mesmos que nos modificamos quando do contato com elas. Que venha a Pós-Graduação.

II – Fundamentação Teórica:

Antes de tudo é preciso situar o que seria deficiência visual. De acordo com Associação Baiana de Cegos esse termo se refere a diminuição do estímulo visual tendo por razões causas congênitas ou hereditárias.

Há vários e diferentes graus de diminuição da resposta visual que pode ser leve, moderada, severa, profunda e em muitos casos há a ausência total da resposta visual.

Dentre as causas da cegueira e de outras deficiências há as doenças infecciosas, acidentes, ferimentos, envenenamentos, tumores, doenças gerais.

Há várias classificações para a deficiência visual, que variam conforme as limitações e os fins que se destinam. Para Munster e Almeida (2005) elas surgem para que as desvantagens decorrentes da visão funcional de cada indivíduo sejam minimizadas, pois apesar das pessoas com deficiência visual possuírem em comum o comprometimento do órgão da visão, as alterações estruturais e anatômicas promovem modificações que resultam em níveis diferenciados nas funções visuais, que interferem de forma diferenciada no desempenho de cada indivíduo.

Para que possa ocorrer um bom entendimento das classificações da deficiência visual faz-se necessário o entendimento das funções visuais, ocorrendo uma maior compreensão do funcionamento visual dos alunos, que abrange a acuidade visual (capacidade de distinguir detalhes, dada pela relação entre o tamanho do objeto e a distância onde está situado), a binocularidade (é a capacidade de fusão da imagem proveniente de ambos os olhos em convergência ideal, o que proporciona a noção de profundidade), o campo visual (é avaliado a partir da fixação do olhar, quando é determinada a área circundante visível ao mesmo tempo), a visão de cores (capacidade para distinguir diferentes tons e nuances das cores), a sensibilidade à luz (capacidade de adaptação frente aos diferentes níveis de luminosidade do ambiente) e a sensibilidade ao contraste (habilidade para discernir pequenas diferenças na luminosidade de superfícies adjacentes) (MUSTER e ALMEIDA, 2005).

Na educação classificamos a criança com deficiência visual em: pessoa cega, é aquela que possui perda total ou resíduo mínimo de visão, necessitando do método Braille como meio de leitura e escrita e/ou outros métodos, recursos didáticos e equipamentos especiais para o processo ensino-aprendizagem. E há a pessoa com baixa visão: é aquela que possui resíduos visuais em grau que permitam ler textos impressos à tinta, desde que se empreguem recursos didáticos e equipamentos especiais, excluindo as deficiências facilmente corrigidas pelo uso adequado de lentes (BRASIL.Ministérioda Educação e do Desporto, 1993)

A linguagem, a comunicação e as múltiplas formas de expressão cultural ou artística constituem-se de imagens e apelo visual a cada vez complexos e sofisticados. Os conteúdos escolares privilegiam a visualização em todas as áreas de conhecimento, e de um universo premiado de símbolos gráficos, imagens, letras e números.

Assim, a necessidade decorrente de limitações visuais não deve ser ignorada, negligenciada ou confundida com concessões ou necessidades fictícias. Para que isso não ocorra devemos ficar atento aos nossos conceitos preconceituosos, gestos, atitudes e posturas com abertura e disposição para rever as práticas convencionais, conhecer, reconhecer e aceitar as diferenças com desafios positivos e expressões naturais da potencialidade humana.

Desta forma, será possível criar, descobrir, reinventar estratégias e atividades pedagógicas condizentes as necessidades gerais e específicas de todas e de cada um dos alunos. Nesse sentido, explicitamos alguns dos principais aspectos, características e peculiaridades em relação ao aluno cego e com baixa visão com o objetivo de apontar caminhos, referencia e pistas aos educadores tendo em vista a inclusão escolar desse alunado.

Os referencias teórico-metodológicos que envolvem a alfabetização de cegos precisa levar em consideração a sensibilidade do educador. Se as crianças com visão estão desde muito cedo criando artifícios de ler o mundo o mesmo não se pode dizerdas crianças cegas que geralmente demoram certo tempo para serem apresentadas a esse sistema. Isto é, elas só têm contato com a leitura e escrita a

partir do período escolas. Dessa maneira é comum haver um atraso no processo de alfabetização. Nesse sentido, Garcia (2001, p.28 e 29) destaca que:

[...] deve ficar claro, no caso a educação de crianças cegas, independentemente da concepção pedagógica ou linha metodológica adotada pela escola, não se pode negligenciar o desenvolvimento integral, a utilização de técnicas específicas fundamentais ao êxito e eficácia do processo de aprendizagem da leitura-escrita pelo sistema braille.

Daí porque é tão importante falar de inclusão. Não se trata mais apenas de ensinar como se ler e se capta o mundo a sua volta. É preciso, isto sim, inserir o aluno dentro da sala de aula “comum” de modo que ele tenha contato com outros alunos. Mas para isso o aluno cego e deficiente de modo geral precisa ser autônomo e seguro de si de modo que facilite a sua inclusão com os demais colegas. Quando o aluno estiver seguro de si poderá se tornar mais participativo seja interagindo, ajudando os outros e participando de demais atividades escolares.

Sobretudo os aspectos teóricos e os trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre esse tema precisam trabalhar o preconceito de maneira dupla. Tanto dos colegas para com os deficientes quando do contrário. Nesse último caso ocorre baixo estímulo devido a insegurança do aluno e o medo de errar ou não se adaptar. E como a visão tende a ser o sentido mais usado do ser humano isso fortalece os receios.

Ser cego impõe caminhos diferenciados para obtenção de conhecimentos. No que diz respeito a educação do aluno cego, as baixas expectativas no seu desenvolvimento e empenho podem causar desestímulo podendo inclusive haver evasão escolar. De acordo com Nunes e Lomônaco (2008 p. 120) a audição é um sentido fundamenta para o cego pois muito do que ele não vê pode ser entendido pela linguagem. Para tal, ele precisa que pessoas videntes descrevam o que é visual. Entretanto, como os videntes estão menos acostumados a perceber o mundo pelos outros sentidos, isto exige do cego, constantes "ajustes" daquilo que ele conhece por meio de suas percepções e daquilo que ele conhece pela fala dos que o rodeiam.

Vale ressaltar, que os colegas não serão muleta, mas podem ser contribuintes e assistentes, e dessa maneira, ocorrerá uma conexão efetiva dentro da sala de aula de vidente com cego. Isso de acordo com o que colocou LucileiaKrik.

Para vencer todos esses obstáculos é preciso que o aluno aprenda sistema braille. Na realidade, o Sistema Braille é um código de transcrição no qual a cada letra do alfabeto corresponde um sinal braille com o mesmo valor fonético. Baseia-se em uma ordem lógica, constituída por uma matriz de seis pontos alinhados em duas colunas verticais com três pontos à direita e três à esquerda em uma pequena cela retangular denominada cela braille. A combinação destes pontos em uma sequência de celas gera 63 sinais que representam as letras do alfabeto, os números, as vogais acentuadas, a pontuação, as notas musicais, os símbolos matemáticos e outros sinais gráficos.

Para a execução da escrita braille é necessário reglete e pulsão, sendo que existem dois tipos de reglete, a de bolso, que não necessita de prancheta para sua escrita, e a reglete de banca, que necessita da prancheta e o pulsão consiste em um objeto para realizar a escrita em alto-relevo. O papel usado nessa escrita é o papel 40, devido a sua maior consistência.

Os pontos em relevo são polivalentes, isto é, um ou mais pontos em uma cela braille têm o valor de letra e combinado com outro sinal têm valor numérico. A combinação dos pontos 3-4-5-6 representa o sinal de número. A presença deste sinal antes de cada letra da primeira fileira converte a referida letra em número.

Assim, a letra “a” antecedida do sinal de número é o número 1 e o “j” é o zero. As letrasmaiúsculas são obtidas através do sinal representado pelos pontos 4 e 6 que antecede a letra ou palavra.

IV - Descrição das atividades:

As atividades que desenvolvi no Instituto dos Cegos de Campina Grande tiveram várias funções e níveis. Porém, a que mais me agradou foi a experiência de alfabetização de alunos cegos. Descreverei agora como se deu esse processo.

Inicialmente é preciso apresentar essa reglete que é de uma sucessão de janelinhas contendo seis pontinhos. Na parte direita há o ponto uns, dois e três, na esquerda, têm o ponto quatro, cinco e seis. Escreve-se em braille da direita para a esquerda e se lê da direita para a esquerda. A escrita tanto é feita com a regrete com auxílio de uma folha de papel quarenta. Essa folha é mais dura e consistente que a folha de papel ofício e com ajuda do pulsão que é o lápis do cego.

Os pontos três, quatro, cinco e seis mais as letras servem para identificar os números que vai de *a* até o *j*. Isto é, vai de 1 até o 0. Os números quatro e seis servem para identificar as letras maiúsculas seguido de outros sinais gráficos como acentuações e códigos matemáticos, como raiz quadrada, sinal de mais, menos, multiplicar, dividir, igualdade.

Antes de iniciar a escrita braille é de suma importância que o aluno tenha em mente que um dedinho será o que ele vai escrever e o outro é o que vai auxiliá-lo. Popularmente, falamos que um é o cego e o outro é o guia. E, o cego não pode se separar do guia.

A primeira atividade consiste em mostrar como se localiza os seis pontinhos. Para isso é importante a sensibilidade tátil uma vez que tudo irá ocorrer pelo toque. Esse tipo de atividade acontece com caixinhas de ovos, com encaixe de emborrachados e até mesmo material de sucata com caixa de fósforos e os outros materiais adaptáveis.

Em paralelo, vamos ensinando a posição de lateralidade, direita e esquerda. Decorando os seis pontinhos e sabendo localizar cada ponto através sensibilidade tátil, passamos agora para a parte objetiva que é a prática. A partir daqui o aluno irá iniciar a escrita braille.

Colocamos a regrete na vertical ou horizontal, dependendo de cada aluno. Depois ele vai furando os seis pontinhos dentro de cada janelinha. Isso leva em média dois meses, mas na verdade isso varia de aluno para aluno. Quando o aluno só tem a deficiência visual fica mais fácil o processo de escrita ao passo que os de múltipla deficiência levam um longo tempo.

Após essa familiaridade com os pontinhos ele irá aprender como os pontinhos formam letras. A primeira letra aprendida é a letra A que é a menos difícil por só conter apenas um ponto localizado na direita na parte superior. . a escrita se dará da direita para a esquerda e de cima para baixo.

Esses pontinhos se juntam e formam sessenta e três pontinhos que vai originar letras, números, pontuação, sinais gráficos e códigos matemáticos. Após esse processo eles já se encontram escrevendo algumas letras, partimos para o ensino-aprendizagem da leitura.

A leitura ao contrário da escrita se lê da esquerda para a direita. Nessa fase é que vamos aprimorar a sua coordenação motora fina. Fazemos isso tocando em caroço de arroz, descascando amendoim, encaixe de emborrachado e tocando na própria letra escrita por eles mesmos. Nesse processo também usamos muitos cartazes com letras em braille confeccionados com emborrachados e em alto relevo confeccionados com cola quente.

Com esse aprendizado de identificação das letras bem como de sua identificação começamos com a junção de sílabas e conseqüentemente formação de palavras. Este processo não tem um período adequado ocorrendo de aluno para aluno.

É necessário frisar a importante diferença entre esse processo de leitura dos cegos que acabamos de escrever e o baixa visão. No caso desse grupo, o baixa visão, irá depender inicialmente dos diferentes graus de visão. Isto é, quando o aluno vai perdendo gradativamente a visão somos orientados por oftalmologistas da FUNADE (Fundação de Apoio ao Deficiente) para ensinar imediatamente o braille, caso contrário usamos o material adaptado a esse aluno, como, por exemplo: leitura ampliada; lápis 6b; caderno pauta larga; a lupa; colocar o aluno na parte da frente;

texto ampliado; gravura simples com poucos detalhes; iluminação preferencialmente natural; suporte inclinado para o material de leitura e escrita.

No caso do aluno de baixa visão é necessário levar em consideração algumas observações durante a alfabetização do aluno: evitar papéis brilhosos para a leitura; permitir que o aluno se sinta próximo ao quadro de gis; utilizar recursos ópticos quando for necessário.

Em paralelo, seja no caso de cegos ou de baixa visão, o professor pode recorrer a biblioteca infantil, videoteca, teatro, brinquedoteca e informática.

Alguns procedimentos e instrumentos de avaliação e outras tarefas escolares baseadas em referências visuais devem ser alteradas ou adaptadas às necessidades do aluno cego. Eles podem fazer uso de máquina de escrever em braille, gravador e computador para a realização dessas atividades. Os desenhos, as gravuras, os diagramas e os gráficos devem ser confeccionados em relevo. Em algumas circunstâncias, é recomendável valer-se de exercícios orais. A adaptação, a produção de material e a transcrição de provas, de exercícios e de textos em geral para o Sistema Braille podem ser realizadas em salas de multimídia, núcleos, serviços ou centros de apoio pedagógico. Se não houver ninguém na escola que domine o Sistema Braille, será igualmente necessário fazer a conversão da escrita Braille para a escrita em tinta. Convém observar a necessidade de estender o tempo da avaliação, considerando as peculiaridades em relação à percepção não visual.

Alunos cegos devem desenvolver a formação de hábitos e de postura, destreza tátil, o sentido de orientação, esquemas e critérios de ordem e organização, o reconhecimento de desenhos, gráficos, diagramas, mapas e maquetes em relevo, dentre outras habilidades. As estratégias de aprendizagem, os procedimentos, o acesso ao conhecimento e à informação, bem como os instrumentos de avaliação, devem ser adequados às condições visuais destes educandos. O professor deve valorizar o comportamento exploratório, a estimulação dos sentidos remanescentes, a iniciativa e a participação ativa. Algumas atividades predominantemente visuais devem ser adaptadas com antecedência, e outras durante a sua realização, por meio de descrição, informação tátil, auditiva, olfativa e qualquer outra referência que favoreça a configuração do cenário ou do ambiente. É o caso, por exemplo, de exibição de filmes ou documentários, excursões e exposições. A apresentação de

filmes ou documentários requer a descrição oral de imagens, cenas mudas e leitura de legenda simultânea, se não houver dublagem, para que as lacunas sejam preenchidas com dados da realidade e não apenas com a imaginação do aluno. O uso de slides, gravuras, cartazes, fotos, ilustrações e outros recursos visuais devem ser precedidos de informação e descrição oral de forma objetiva e sucinta.

Pode-se também apresentar ao aluno um resumo ou uma sinopse escrita em braille, em suporte digital acessível ou gravado se for o caso. Em suma, é recomendável planejar com antecedência e contextualizar as atividades eminentemente visuais.

Os esquemas, símbolos e diagramas presentes nas diversas disciplinas devem ser descritos oralmente. Os desenhos, gráficos e ilustrações devem ser adaptados e representados em relevo. O ensino de língua estrangeira deve priorizar a conversação, em detrimento de recursos didáticos visuais, que devem ser explicados verbalmente. Experimentos de Ciências e Biologia devem remeter ao conhecimento por meio de outros canais de coleta de informação. Por exemplo, no caso do estudo de anatomia e fisiologia do corpo humano, o professor pode usar material concreto e em relevo para representar figuras ou imagens visuais de ossos, células e microrganismos. As atividades de Educação Física podem ser adaptadas com o uso de barras, cordas, bolas com guizo, etc. O aluno cego deve ficar próximo do professor para receber orientações e pistas táteis dos exercícios demonstrados para a turma toda. Por exemplo, para ensinar o exercício “polichinelo”, o professor deve descrevê-lo oralmente e demonstrá-lo, por intermédio do contato físico, para facilitar a aprendizagem. Desta forma, o aluno cego participa ativamente das atividades com motivação e segurança.

V – Considerações finais

Ao chegar até aqui posso concluir que a minha carreira enquanto professora de letramento em braille sofreu modificações e rupturas devido as disciplinas cursada no curso de graduação em Letras da UEPB.

Ao longo de toda essa caminhada pude identificar os meus erros e os meus acertos. Pude, em paralelo, identificar o que era digno de servir como modelo e aquilo que deveria ser descartado.

Evidentemente foi uma caminhada difícil, às vezes árdua e que, confessor, inicialmente ocorreu a vontade de desistir. Mas a força de vontade venceu e hoje estou aqui concluindo essa etapa na minha vida.

Foi engraçado que às vezes sem ter conhecimento de algumas teorias, eu já aplicava a prática em sala de aula. Fosse uma atividade, na maneira de explicar, de conduzir um assunto eu estava recorrentemente atenta ao diálogo mútuo e profícuo da relação alunos e professor. O curso de Letras algumas vezes serviu para nomear e aprofundar algo que de alguma maneira eu já realizava.

Acredito que a importância desse artigo, espécie de trabalho de conclusão de curso, é sim falar de uma experiência. Mas, desde as provocações de Walter Benjamin, em seu texto *Experiência e Pobreza*, a experiência vem de uma coletividade, de uma viagem e tem a ver com travessias e deslocamentos. Desse modo esse relato vive, vai além do que se escreveu e alerta para o leitor um mundo ainda pouco visitado na academia, a pesquisa empírica no trato da pessoas cegas ou com baixas visões. Afinal, é um grupo também chegado a letras, ao mundo das palavras e que muitas vezes são construídos nas falas de outrem porque recorrentemente, por muito tempo, não tiveram acesso a fala nem ao mundo ainda restrito das universidades. Espero que esse trabalho seja uma colaboração nesse sentido!

VI - Referencias Bibliográficas

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Especial. Subsídios para a formação da política nacional de educação especial, 1993.

DOMINGUES, Celma dos Anjos. A educação especial na perspectiva da inclusão escolar: Os alunos com deficiência visual, baixa visão e cegueira. Brasília: Ministério da Educação, Secretária de Educação Especial, Fortaleza, 2010.

ISAA, M. J. P. As deficiências visuais- deficiências e adaptações. Ed. Manole Corte, 1989

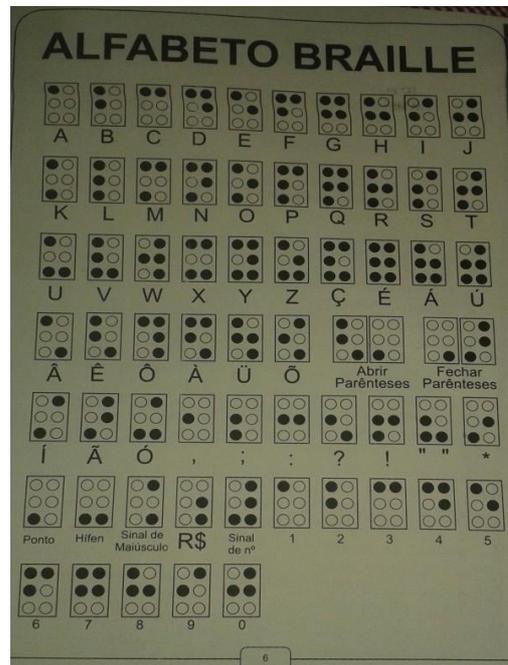
MASINI, E. F. S. – O perceber e o relacionar-se com o deficiente visual. Brasília: Corde, 1994

BORGES, Sandra Aparecida Ribeiro. O deficiente visual e o processo ensino-aprendizagem.

Monografia de especialização. Universidade Estadual do Centro Oeste: Guarapuava, 2004.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional (LDB).

VII – Anexos



Fonte:Autor,2014

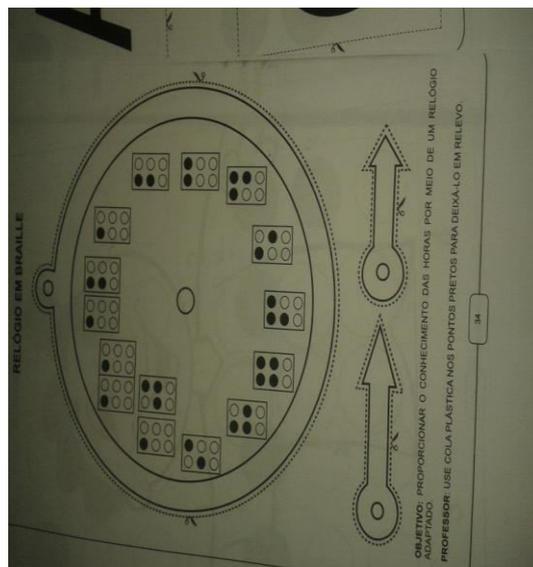


Figura 2: atividade de matemática

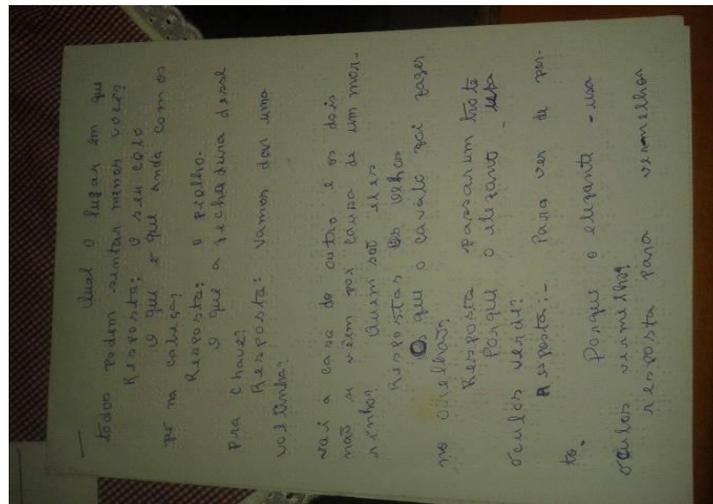


Figura 3: texto transcrito para o tinta

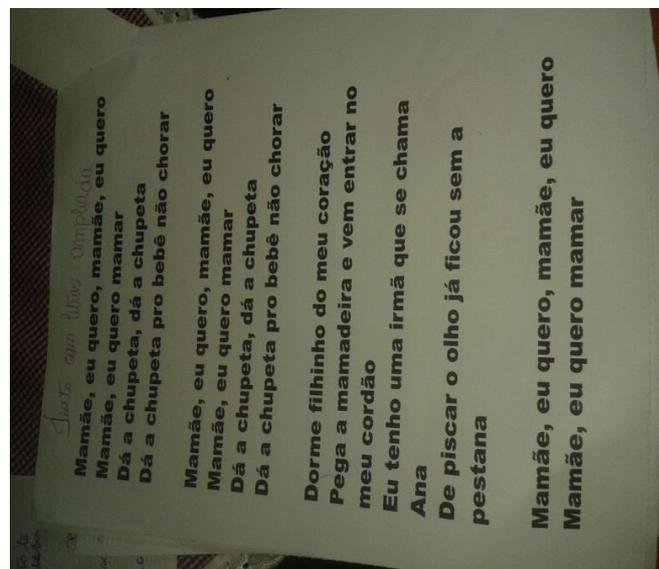


Figura 4: atividade de leitura com letras ampliadas para baixa visão

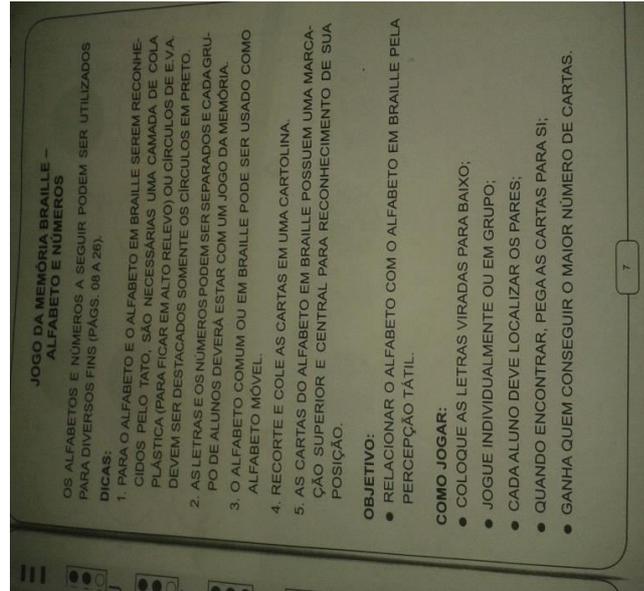


Figura 7: Leitura para baixa visão ampliada



Figura 8: Livro Infantil

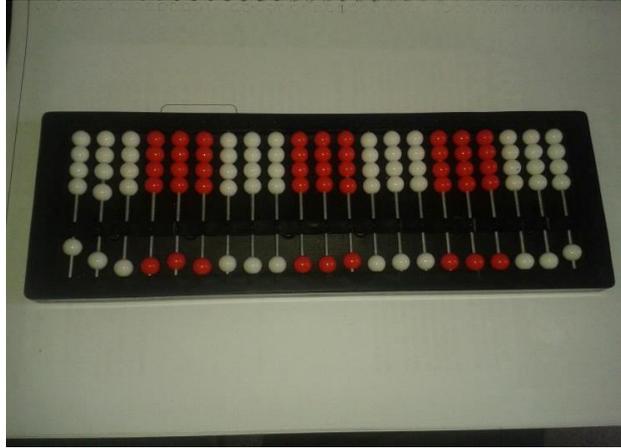


Figura 9: Soroban



Figura 10: Assinador



Figura 10:Aula expositiva em Braille



Figura 11:Aula expositiva tátil



Figura 12:Aula de apoio com alunos de baixa visão e total